



DOI: <https://doi.org/10.59488/tragica.v18i1.66014>

Revista Trágica

Volume 18 - Número 01 ISSN 1982-5870

Notas sobre Poder e Sentido & Revoluções moleculares*

Félix Guattari

Tradução de **Ciro Lubliner**  

Pós-doutorando na USP com apoio da Fapesp
(processos nº 2020/08504-1 e nº 2022/01853-6).

São Paulo, SP, Brasil. Contato: ciro.lubliner@gmail.com

Introdução do tradutor

Há quase cinco décadas, entre os dias 13 e 16 de novembro de 1975, ocorreu na Universidade Columbia, Nova York, EUA, um evento que pode ser reconhecido como um dos mais célebres encontros acadêmicos. O *schizo culture* foi um colóquio que reuniu tanto a comunidade universitária, entre professores e estudantes, quanto ativistas e artistas. A ideia de seus organizadores – Sylvère Lotringer e John Rajchman – era provocar o encontro e o diálogo de pensadores franceses pós-estruturalistas com figuras proeminentes da contracultura estadunidense. Durante os quatro dias do evento, a junção da filosofia com a psicanálise, a arte e a política deu o tom dos encontros e dos calorosos debates, sem dúvida invocando e reverberando ainda o Maio de 68 na França. A grande singularidade do *schizo culture* foi justamente essa mescla da chamada *french theory*¹ com os movimentos contraculturais estadunidenses.

A seguir veiculamos traduções para as duas falas realizadas por Félix Guattari no *schizo culture*: uma breve exposição sobre as questões de poder e de sentido e uma comunicação mais longa na qual o autor aborda o tema das revoluções moleculares (bastante em voga então para Guattari, que, em 1977, veio a lançar a primeira versão de seu livro *A revolução molecular*²). Até agora, nenhuma dessas duas falas havia sido traduzida e publicada no Brasil.

* Os originais dos textos aqui traduzidos são: GUATTARI, F. “Notes on Power and Meaning”. In: LOTRINGER, S. e MORRIS, D. (orgs.) *Schizo-Culture: the event 1975*. Los Angeles: Semiotext(e), 2013, pp. 182-183 & GUATTARI, F. “Molecular Revolutions and Q&A”. In: LOTRINGER, S. e MORRIS, D. (orgs.) *Schizo-Culture: the event 1975*. Los Angeles: Semiotext(e), 2013, pp. 184-195.

¹ Cf. CUSSET, F. *Filosofia francesa: a influência de Foucault, Derrida, Deleuze e cia*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.

² GUATTARI, F. *La révolution moléculaire*. Paris: Éditions Recherches, 1977. No Brasil, contamos com duas edições desta obra: GUATTARI, F. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. de Suely Belinha Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1981 e GUATTARI, F. *A revolução molecular*. Trad. de Larissa Drigo Agostinho. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

Semiotext(e)
sponsors a colloquium on

schizo culture

13-16 november 1975
columbia university



"One does not desire revolution, desire is revolutionary"

—G. DELEUZE and F. GUATTARI

"The power to punish is not essentially different from the power to cure or to educate"

—M. FOUCAULT

Thursday, November 13

2:30 p.m. (Harkness):

Sylvère Lotringer, John Rajchman

Introduction

James Fessenden

Transversality and Style

7:30 p.m. (Harkness):

Arthur Danto

Freudian Explanation

Jean-François Lyotard

La Force des Faibles

Friday, November 14

9:30 a.m.

Workshops: **Psychiatry and Social Control. — Radical Therapy. — Schizo-City [Harlem]; Cinema: Representation and Energetics. — Ontologico-hysterical theatre.**

2:30 p.m. (Harkness):

Robert Fine

Psychiatry and Materialism

Joel Kovel

Therapy in Late Capitalism

François Péraldi

A Schizo and the Institution

Panel with Félix Guattari

8:00 p.m. (S.I.A.):

William Burroughs

The Impasses of Control

Michel Foucault

Nous ne sommes pas Réprimés

Saturday, November 15

10 a.m. (A-B Law)

Panel on Prisons/Asylums

Judy Clark, Michel Foucault, Robert Michels, David Rothman

2:30 p.m. (A-B Law)

John Cage

Empty Words

Gilles Deleuze

Le Régime des Signes

8:00 p.m. (A-B Law)

Ti Grace Atkinson

The Psyche of Social Movements

Félix Guattari

Politique et Signification

Sunday, November 16

9:30 a.m.

Meetings will be held at the Maison Française of the French Department, 560 W. 113 St.

Workshops: **Feminism and Therapy. — Psychoanalysis and Politics. — Gay Liberation — Mental Patients' Liberation**

2:30 p.m.

Workshops: **Prison Politics — Lincoln Detox. — Mass Culture. — Psychoanalysis and Schizoanalysis**

9:00 p.m. (John Jay):

Schizo-Party

Information: Write to Semiotext(e), 522 Philosophy Hall, Columbia University, N.Y.C. 10027

Contribution: Six dollars (students), twelve dollars (others). Checks or money orders payable to Semiotext(e), Inc.

Register early if you wish to receive abstracts in advance. Fee includes a copy of the proceedings of the Schizo-Culture colloquium in **Semiotext(e)**. Subscriptions to **Semiotext(e)**: \$7.00 (individual), \$12.00 (institution).

Notas sobre Poder e Sentido

Há toda uma tecnologia do poder. Mesmo os sentidos sintáticos, os relacionais e os outros provêm daí. A primazia da pragmática micropolítica sobre os componentes fonológicos, sintáticos e semânticos da linguagem. A primazia das formações de poder sobre o inconsciente:

- Começando sempre do sujeito e do objeto
- Impondo um ponto de referência
- Esmagando as multiplicidades
- Tornando os fluxos traduzíveis
- Paradigmatizando a expressão
- Policiando a fala, ordenando a escrita
- Combinando as palavras, os fonemas, disciplinando-os, moldando-os e os fazendo seguir à risca
- Garantindo a hegemonia de uma língua – e especialmente uma língua nacional – como uma máquina de poder, como a localidade para uma conjunção, e tornando traduzíveis todas as formações de poder locais

A subjugação semiótica em todos os níveis: corpo – socius – gestos – mímica – fala – atitudes – olhares – dança – lágrimas – órgãos – uma permissão para dirigir – uma permissão para foder – tome cuidado com o que diz – não fale comigo nesse tom de voz.

O inconsciente está estruturado como uma linguagem na medida em que, e apenas na medida em que, cai nas garras de uma formação de poder. O inconsciente está estruturado pelas formações de poder. Quer dizer, a não ser que ele escape da linguagem para trabalhar no mesmo nível dos fluxos semióticos a-significantes e dos fluxos materiais de toda espécie. O poder não existe, ele deixa de existir fora das secreções significativas, significantes. Isso não significa que se recaia então no não-senso, na anarquia, na culpa e na indiferença incestuosa.

É o oposto de toda e qualquer coisa!

- Conexões que cobrem todas as direções
- Um diagramatismo altamente preciso
- Uma saída das redundâncias vazias
- Conexões signo-cosmo-socius

Junto com os sentidos, todos os poderes que existem sobre o corpo, o outro, o parceiro sexual, o irmão, o militante, e o cidadão mantêm relações de filiação genealógica.

É impossível romper a cadeia de poder-hierarquia-despotencialização-castração sem se montar uma máquina concreta de outro tipo: conjunção diagramática do material, fluxos semióticos e sociais de acordo com um não-significativo, não-significante, não-interpretativo, uma relação não-subjetificante.

Abster-se, sempre que possível, do desejo de se rebaixar às estruturas do inconsciente dominante. Produzir o inconsciente. Recusar-se a induzi-lo ou deduzi-lo. Contra os sentidos dominantes, mesmo a mais ínfima fuga do sentido, a ruptura de um bloqueio da infância, um estranho desejo, algo engraçado assim sem razão de ser...

Sem oposições simplistas: esquizo/paranoico, revolução/fascismo. Dê espaço para o disparate. Budistas, Maoistas-masochistas, Stalinovegetarianos, anarcocatólicos... a mesma batalha! Ajude os burocratas – “Podemos te ajudar de alguma forma, velho amigo!” É bem menos difícil se deparar com o microfascismo do que com o macrofascismo. “Fica tranquilo, vai com calma!”

Mantenha em mente o micro, primeiro em si mesmo e ao seu redor. Do contrário, você corre o risco de perder de vista o macro.

*

Revoluções moleculares

Há inúmeras coisas que eu gostaria de compartilhar e discutir com vocês agora, mas sinto que eu poderia falar sobre absolutamente qualquer coisa – minha vida privada, como voto – exceto sobre desejo ou revolução. Eles pareceriam verdadeiramente obscenos aqui na Universidade Columbia.

Chegou ao ponto em que fico imaginando se alguém realmente precisa ser um membro da CIA para se dispor a tal coisa. Há algo como um vírus-CIA aqui que parece ter contaminado muitas pessoas e que se mantém recorrente em diferentes momentos, e eu não consigo evitar de me perguntar se eu não peguei o bicho.³

Se fosse possível ir além dessas paredes ou atravessar esse abafamento que constitui uma espécie de parede de som dentro da universidade, penso que se poderia começar a reconhecer que a crise mundial está acelerando em um ritmo considerável. Será que fui simplesmente pego por um processo-esquizo em aceleração? Já por alguns anos temos experimentado um processo comparável àquele de 1929 – toda uma gama de conflitos regionais, de confrontos políticos locais, de crises econômicas. Não há personagens extremos e salientes da magnitude de um Hitler ou de um Mussolini no cenário político nesse instante, contudo existem sim campos de extermínio. Toda Bangladesh é um tal campo; milhares, dezenas de milhares de pessoas estão morrendo ou prestes a morrer lá, porque elas estão presas em uma situação econômica particular que resulta de uma política governamental específica, e não existem alternativas exceto ser exterminado. Eu realmente acredito que toda uma série de fatores está levando a uma crise absoluta em todos os níveis de organização social ao redor do mundo. Essa situação deveria clamar por soluções revolucionárias, mas nada, ninguém, nenhuma

³ N.T.: Durante a primeira exposição de Michel Foucault no evento, um homem na plateia se levantou e começou a gritar e apontar em direção a ele o acusando de ser pago pela CIA. O mesmo se repetiu em sua segunda fala. Foucault reagiu espirituosamente, simplesmente respondendo que o homem tinha razão, que todos ali haviam sido pagos pela CIA, e que o único que não havia sido era o próprio homem, que, por sua vez, havia recebido da KGB. Todo o público então gargalhou e começou a aplaudir, arrancando risos até do acusador, que se sentou sem dizer mais nada.

organização está preparada para lidar com ela e seus imperativos. A tese obscena que eu gostaria de defender diante de vocês agora é esta: todas essas organizações – Bolchevique, Marxista-Leninista, comunista, Espontaneísta (em uma ou outra forma), Social-Democrata – não estão atentando para um aspecto essencial dessa luta revolucionária e de seu desenvolvimento.

Há dois modos de se rejeitar a revolução. O primeiro é se recusar a enxergá-la onde ela existe; o segundo é enxergá-la onde ela manifestadamente não ocorrerá. Esses são, para resumir, os caminhos reformista e dogmático. De fato, uma revolução de grande amplitude está se desenvolvendo hoje, mas em um nível molecular ou microscópico.

Acredito que essa revolução molecular só pode se desenvolver em um caminho paralelo à crise política geral. Algumas pessoas dizem que a agitação social nos Estados Unidos durante a década de 1960, ou na França em 68, foi um acontecimento espontaneísta – transitório, marginal – e que tal revolução utópica não leva a lugar nenhum. Mas na minha opinião, coisas importantes começaram a acontecer somente após aquela revolução, que talvez tenha sido a última revolução à moda antiga. A revolução molecular se desenvolve em áreas relativamente desconhecidas. Gilles Deleuze acabou de nos dizer que não há muito o que se tentar compreender. Vemos estudantes se rebelando, se movimentando nas barricadas. Vemos adolescentes mudando a vida nos colégios. Vemos presidiários incendiando metade das prisões francesas. Vemos o Presidente da República da França apertando a mão de presidiários. As revoltas das mulheres estão se movendo para todo tipo de direção, em vários níveis: contra a política herdada, sobre o problema do aborto, na questão da prostituição. Vemos as lutas dos imigrantes ou minorias étnicas, a luta dos homossexuais, dos usuários de droga, dos pacientes de saúde mental. Encontramos até categorias sociais previamente inimagináveis sendo mobilizadas na França, por exemplo, alguns juízes...

Quando botamos tudo isso junto na mesa, lado a lado, podemos perguntar: o que isso tudo tem em comum? Podemos usar isso tudo para começar uma revolução? Isso tem algo a ver, por exemplo, com o que está acontecendo nesse instante em Portugal, onde oficiais do exército colonial estão se passando por Cohn-Bendits? Podemos certamente descartar esse fenômeno considerando-o marginal, tentar reavê-lo como força de excesso, o que é precisamente a atitude que a maioria dos grupelhos têm; ou – e essa é minha hipótese – podemos assumir que a revolução molecular da qual falei está alojada e se desenvolvendo aqui de uma maneira irreversível e que a cada vez esses movimentos falham porque as velhas formas e estruturas de organização tomam o poder, retendo o elemento rizomático do desejo em um sistema de poder arborescente. Portanto, a questão central para mim é uma mudança radical de atitude quanto aos problemas políticos. Por um lado, há as coisas “sérias” que alguém vê nos jornais, na televisão – as questões do poder nos partidos, nos sindicatos, nos grupelhos. Por outro lado, há as pequenas coisas, as coisas da vida privada: a esposa do militante que fica em casa para cuidar das crianças, o burocrata insignificante fazendo acordos nos corredores do Congresso – essas coisas estão na raiz das cisões políticas e assumem

um aspecto programático, mas estão invariavelmente ligadas ao fenômeno do investimento burocrático e da casta especial que administra essas organizações.

Acredito que movimentos revolucionários, quaisquer que sejam, não mudam sua orientação por causa da ideologia. A ideologia não pesa tanto se comparada ao transitar libidinal que efetivamente se desenrola em todas essas organizações. Tudo chega na mesma coisa: ou os objetivos políticos são o eco de todo tipo de luta, e estão associados a uma análise do fenômeno do desejo e do inconsciente social dentro da organização em questão, ou então os impasses e as recuperações burocráticas vão necessariamente retornar, o desejo das massas e dos grupos de interesse vai atravessar os representantes, e resultar de uma representação.

Todos nós já experimentamos esses tipos de iniciativas militantes. Temos que estar aptos a entender por que as coisas funcionam desse jeito, por que o desejo está sendo delegado a representantes e burocratas de todo tipo, por que o desejo revolucionário é transformado em microfascismo organizacional.

Certamente deve haver um investimento mais poderoso que vem para substituir o desejo revolucionário. Minha explicação, provisoriamente, advém do fato de que o poder capitalista não é somente exercido no domínio econômico e através da subjugação de classe, nem é exercido somente através da polícia, dos capatazes, dos professores e docentes, mas também em um outro front que eu chamaria de *subjugação semiótica* de todos os indivíduos. As crianças começam a aprender sobre o capitalismo no berço, antes de terem acesso à fala. Elas aprendem a perceber objetos e relações capitalistas na televisão, através da família, no berçário. Se elas de algum modo conseguem escapar da subjugação semiótica, então instituições especializadas estão lá para cuidar delas: a psicologia, a psicanálise, para citar só duas.

O capitalismo não pode unir de forma bem-sucedida sua força de trabalho a não ser que proceda através de uma série de subjugações semióticas. O que é difícil – e que levanta um problema teórico básico – é como conceber a articulação e a unificação das lutas em todos esses fronts: o front da política tradicional e da luta social; a libertação de regiões e de grupos étnicos; lutas linguísticas; lutas por um bairro melhor, por um estilo de vida mais comunitário; lutas para mudar a vida familiar ou o que quer que esteja em seu lugar; lutas para mudar os modos de subjugação que são recorrentes em casais, sejam heterossexuais ou homossexuais. Coloco todas essas lutas sob o termo “microfascismo”, embora eu particularmente não goste dele. Utilizo-o simplesmente porque ele assusta e incomoda as pessoas. Há um microfascismo no próprio corpo, nos órgãos, no tipo de bulimia que leva à anorexia, uma bulimia perceptiva que nos cega para o valor das coisas, exceto para seu valor de troca, seu valor de uso, às custas dos valores do desejo.

Isso levanta uma questão teórica importante, a questão que, para mim, Deleuze, e muitos outros, de alguma maneira tem mudado, ultimamente. Pensávamos que o inimigo mais formidável era a psicanálise porque ela reduzia todas as formas de desejo a uma formação particular, a família. Mas há outro perigo, do qual a psicanálise é apenas um ponto de aplicação: é a redução de todos os modos de semiotização. O que chamo de *semiotização* é o que acontece com a percepção, com o movimento no espaço, com cantar, dançar, fazer mímica, acariciar, tocar, tudo o que envolve o corpo. Todos

esses modos de semiotização estão sendo reduzidos a uma linguagem dominante, a linguagem do poder, que coordena sua regulação sintática com a produção de discurso em sua totalidade. O que se aprende na escola ou na universidade não é essencialmente um conteúdo ou um dado, mas um modelo comportamental adaptado a certas castas sociais.

O que você requer de seus estudantes antes de tudo quando você aplica uma prova é um certo estilo de moldagem semiótica, uma certa iniciação a dadas castas. Essa iniciação é ainda mais brutal no contexto da formação manual, no treinamento de trabalhadores. Provas, ou o movimento de posição a posição no trabalho na fábrica, sempre depende se alguém é negro, porto-riquenho, ou criado em um bairro abastado, se tem o sotaque certo, se é um homem ou uma mulher. Há signos de reconhecimento, signos de poder que operam durante a formação instrucional, e há verdadeiros ritos de iniciação. Peguei o exemplo da universidade, mas poderia facilmente ter pegado exemplos de várias outras formações de poder.

O poder dominante estende a subjugação semiótica dos indivíduos a menos que a luta seja perseguida em cada *front*, particularmente naqueles de formações de poder. A maioria das pessoas nem percebe essa subjugação semiótica; é como se elas não quisessem acreditar que ela existe, contudo as organizações políticas, com todos os seus burocratas, só pensam nisso; isso é o que contribui para criar, engendrar e manter todas as formas de recuperação.

Há algo que me interessa bastante nos Estados Unidos. Vem acontecendo, há alguns anos, notadamente com a geração *beat*, e é provavelmente devido à acuidade dos problemas em se tratando da semiótica do corpo, da percepção. Isso não acontece tanto na Europa onde se está amarrado a uma certa concepção intelectualista das relações e do inconsciente. As variadas racionalizações ou justificativas que são dadas lá para reintroduzir uma semiótica do corpo me interessam menos. Alguns envolvem Zen Budismo, ou variadas formas de tecnologia, como o *tai chi chuan* que acaba de ser realizado aqui no palco... Me parece que algo está sendo procurado ali de alguma forma cega. A cegueira toma formas múltiplas. Na França, por exemplo, temos redes de gurus em sociedades psicanalíticas; temos até uma personalidade como o Reverendo Moon dirigindo uma organização psicanalítica importante. Mas a psicanálise só envolve um conjunto particular de pessoas. Nos Estados Unidos, aparentemente, o vírus da psicanálise tem sido mais ou menos evitado, mas às vezes imagino se seus sistemas hierárquicos não são reproduzidos nos sistemas de gurus, os sistemas para representar o desejo.

O problema é esse: não é possível se esforçar por um objetivo político sem se identificar também todos os microfascismos, todos os modos de subjugação semiótica do poder que se reproduzem através daquela luta, e nenhum mito de um retorno à espontaneidade ou à natureza vai mudar alguma coisa. Entretanto, ingenuamente alguém pode se declarar inocente quanto a isso, seja com relação às nossas crianças, aos nossos companheiros, ou nossos estudantes (para professores), acredito que essa inocência é equivalente à culpa e engendra a culpa. A questão não é nem a inocência nem a culpa, mas descobrir o microfascismo que alguém abriga em si, particularmente quando esse alguém não o enxerga. A última coisa que eu gostaria de destacar aqui, é

claro, é que se pode dar uma solução individual. Só se pode lidar com isso com um novo tipo de *agenciamento de enunciação*. Um exemplo desses agenciamentos de enunciação – um agenciamento impossível e realmente péssimo do ponto de vista do desejo – é o deste ambiente mesmo, com algum indivíduo se sobrepondo a todos os outros, com uma discussão preparada que tornaria impossível para qualquer um realmente começar uma discussão. Ontem propus alterar todo o formato, todo o tipo de trabalho que estamos fazendo aqui, e para minha grande surpresa, percebi que todos queriam que a conferência se mantivesse como estava. Algumas pessoas chegaram até a pedir seu dinheiro de volta, embora ninguém aqui estivesse sendo pago para falar.

Em vários momentos houve tentativas de se produzir esse tipo de diálogo. As únicas pessoas que se prontificaram a tentar e começar um diálogo – de maneira completamente encenada, mas cheia de desejo real – foram aqueles que falsamente nos acusaram de sermos agentes da CIA.

Enquanto se investe na economia libidinal das micropolíticas do desejo, do microfascismo, também se deve precisamente identificar as alianças e possibilidades que existem concretamente no nível das lutas políticas e que são de natureza completamente diferente. Certa vez eu disse a Jean-Jacques Lebel, com relação ao seu *workshop* em Portugal, que o julgamento que se faz quanto às atitudes do Partido Comunista Português é necessariamente diferente do de Spínola e de seu próprio e, ainda assim, os mecanismos de burocratização e a ignorância sobre o desejo das massas são comparáveis nos dois casos.

Outro exemplo: na França temos alguns grupos, gangues, ou pessoas que usam suásticas nas costas e que andam por aí cobertas por insígnias fascistas de todo tipo. Contudo não se deve confundir o microfascismo deles com o fascismo de grupos políticos como o Ocidente, etc. Na medida em que se combate o microfascismo num nível molecular, é possível também prevenir que ele aconteça no nível de grupos políticos amplos. Se se acredita que cada um de nós está imunizado contra a contaminação microfascista, contra a contaminação semiótica pelo capitalismo, então podemos certamente esperar ver formas desenfreadas de macrofascismo sobrevivendo.

Perguntas & Respostas⁴

Depois de um ataque sistemático (pelo menos penso que foi) à psicanálise, Gilles Deleuze e eu começamos a nos perguntar sobre as concepções linguística e semiótica que subjazem às formações de poder na psicanálise, na universidade e em geral.

Uma espécie generalizada de supressão do que chamo de *componentes semióticos da expressão* ocorre em um certo tipo de escrita, tal que mesmo quando as pessoas falam, elas falam como se estivessem escrevendo. Ao mesmo tempo, as regras de suas falas não dependem somente de uma certa sintaxe, mas de uma certa *lei da escrita*.

⁴ No segundo dia da conferência, Guattari interrompeu a fala programada e metade do público o seguiu para uma sala menor para o debate – as perguntas e respostas aqui incluídas foram retiradas dessa sessão. Foucault também escolheu fazer sua fala na mesma sessão...

Diferente das sociedades primitivas, nossa sociedade não pensa muito na fala – apenas na escrita, na escrita que é assinada, atestada. A subjugação nas sociedades capitalistas é basicamente uma subjugação semiótica ligada à escrita. Aqueles que escapam da escrita desistem de qualquer esperança de sobrevivência. Eles acabam em instituições especializadas. Seja no trabalho ou em qualquer outra área da vida, deve-se sempre se certificar de que os modos semióticos que se usa se relacionam com o fenômeno da lei da escrita. Se gesticulo, esse gesto deve estar relacionado a um texto que diz: “É apropriado gesticular assim neste momento?”. Se meu gesto é incoerente, haverá, como em um computador, algum suporte escrito ou digitalizado que dirá: “Essa pessoa deve estar louca ou drogada, quem sabe devêssemos chamar a polícia, ou talvez ele seja um poeta: esse indivíduo pertence a uma certa sociedade e deve ser referido a um texto escrito”. Penso, portanto, que o problema em questão neste colóquio – ler ou não ler certos textos – é basicamente um problema da formação de poder que está para além da universidade.

*Isso não tem a ver com o que Antonin Artaud disse sobre o texto escrito?*⁵

Totalmente. Artaud compreendeu o teatro e o cinema em suas multiplicidades de componentes semióticos. Na maioria das vezes, um filme é baseado em um texto escrito, um roteiro, e os elementos plásticos e aurais se referem a um texto e dele estão alienados.

Não se trata mais de uma questão aqui de linearidade do que de escrita, estritamente falando?

Certamente, ou do que pode ser chamado de digitalização, colocar tudo em dígitos.

O problema da linearidade é específico do capitalismo, ou há uma forma de escrita específica do capital?

Sim, acredito que sim. Toda a evolução dos sistemas de enunciação tende à individuação da enunciação e à degeneração dos agenciamentos coletivos de enunciação. Em outras palavras, move-se em direção a uma situação em que a totalidade dos sistemas complexos de expressão – como em uma dança, uma tatuagem, uma mímica etc. – é abandonada para uma individuação que implica a posição de um interlocutor e de um ouvinte, tal que a única coisa que resta de uma comunicação é a transmissão de informação quantificada em “bits”. Contudo, em outro agenciamento, a essência da comunicação é uma comunicação do *desejo*. Uma criança que brinca, ou um amante que corteja alguém, não transmite informação, ele cria uma situação expressiva rica na qual toda uma série de componentes semióticos está envolvido.

O capitalismo se recusa a levar em consideração esses componentes; o que ele quer é: 1 – que as pessoas se expressem de uma forma que confirme a divisão do trabalho; 2 – que o desejo seja expresso somente de uma forma que o sistema possa reter, ou somente se for linearizado, quantificado em sistemas de produção. Algumas

⁵ N. T.: Não foram indicadas as identidades das pessoas que fizeram as perguntas. Optamos, assim, por diferenciá-las das respostas de Guattari por meio do uso do itálico.

peessoas aqui destacaram que a linearização é a melhor forma de se transmitir dados com um certo propósito, mesmo em sistemas genéticos. Por exemplo, considere o que acontece em uma sociedade primitiva quando uma compra é realizada. A compra é geralmente um corpo ligado a intermináveis discussões; geralmente é mais como uma doação, apesar de ser apresentado como uma troca. Hoje, fazer compras demanda idealmente que a vendedora se comporte como um computador. Mesmo se a vendedora é alguém agradável e exibe todos os componentes icônicos de sedução, ela seduz, no entanto, de acordo com um código específico. Sua saia deve ser de um determinado tamanho, seu sorriso artificial etc. A melhor maneira de o capitalismo assegurar a subjugação semiótica é codificar o desejo de uma forma linear. Seja numa fábrica ou num banco, o capitalismo não quer as pessoas que trazem a totalidade do que elas são, com seus desejos e seus problemas. Não se pede para elas desejarem, para estarem apaixonadas, ou para estarem deprimidas; pede-se para elas fazerem o trabalho. Elas devem suprimir o que sentem, o que são, toda a sua semiótica perceptiva, todos os seus problemas. Trabalhar na sociedade capitalista implica isolar a quantidade utilizável de semiotização que tem uma relação precisa com uma lei da escrita.

Isso é questionar o capitalismo em um sentido extremamente amplo.

Claramente, deve-se também incluir o socialismo burocrático.

Para retomar a questão da linearidade, qual é a consequência, de acordo com você, da crítica e da rejeição do triângulo edipiano em Lacan? Qual é o impacto de tal crítica em termos de ação revolucionária; não apenas como crítica exegética, mas como práxis intelectual?

Para mim, a definição lacaniana do inconsciente parece particularmente pertinente se lembrarmos que ela se esquece do inconsciente do campo social capitalista socialista burocrático. O que, de fato, diz Lacan? Ele diz que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que um significante representa o sujeito para outro significante. Ganha-se acesso ao inconsciente através da representação, a ordem simbólica, a articulação de pessoas na ordem simbólica, através do triângulo e da castração. De fato, e realmente é disso que se trata, o desejo só pode existir na medida em que é representado, enquanto atravessa os representantes. Do contrário, recai-se na escuridão da noite da indiferenciação incestuosa dos impulsos etc. Pois toda a questão está aqui; se seguimos Lacan de perto até o fim, o que ele diz, em última análise? Você adere ao desejo pelo significante e pela castração, e o desejo ao qual você adere é um desejo impossível.

Penso que Lacan está totalmente certo quanto ao inconsciente do campo social capitalista, pois assim que alguém representa seu desejo, assim que a mãe representa o desejo da criança, assim que o professor representa o desejo dos estudantes, assim que o orador representa o desejo do público, ou o líder, o desejo dos seguidores, ou nós mesmos em nossa ambição para ser algo para alguém que representa nosso desejo (“Tenho que ser ‘macho’, senão o que ela vai pensar de mim?”), então não há mais desejo. Penso que a posição do sujeito e do objeto no inconsciente é aquela que continuamente implica não um sujeito metafísico, geral, mas um sujeito específico, um

tipo específico de objeto em um campo socioeconômico definitivo. O desejo como tal escapa do sujeito bem como do objeto, e especificamente da série dos chamados objetos parciais. Os objetos parciais da psicanálise só aparecem em um campo repressivo. Para aqueles que se recordam da monografia *O Pequeno Hans*, de Freud, o objeto parcial anal aparece quando todos os outros objetos foram proibidos, a garotinha vizinha ou atravessar a rua, dar um passeio, dormir com a mãe, ou se masturbar – então, quando tudo se tornou impossível, o objeto fóbico aparece, o sujeito fóbico aparece.

Os sistemas de significação estão sempre ligados às formações de poder e cada vez que as formações de poder intervêm para fornecer as significações e os comportamentos significativos, o objetivo é sempre hierarquizá-los, organizá-los e torná-los compatíveis com a formação central de poder, que é a do estado, do poder capitalista mediado pela existência de uma língua nacional, a língua nacional sendo a máquina de um sistema de lei geral que é diferenciado em tantas linguagens específicas quanto forem necessárias para especificar as posições particulares de cada uma. A língua nacional é o instrumento de traduzibilidade que especifica o jeito de cada pessoa falar. Um imigrante não fala do mesmo jeito que um professor, que uma mulher, que um empresário etc., mas em qualquer caso cada um é perfilado contra um sistema geral de traduzibilidade. Não creio que se deva separar funções de transmissão, de comunicação, de linguagem, ou as funções do poder da lei. É o mesmo tipo de instrumento que institui uma lei da sintaxe, que institui uma lei econômica, uma lei da troca, uma lei da divisão de trabalho e alienação, da extorsão, da mais-valia.

E, ainda assim, eu mesmo falo tanto que não vejo como alguém pode me acusar de negar a linguagem e o poder. Seria absurdo ir para a guerra contra o poder em geral. Por outro lado, certos tipos de políticas de poder, certos tipos de agenciamentos de poder, certos usos da linguagem, notadamente as línguas nacionais, são normalizadas no contexto de uma situação histórica, o que implica o confisco do poder por uma certa casta linguística, a destruição da dialética, a rejeição de todo espécie de linguagens especiais – profissional bem como infantil ou feminina (confirmam o estudo de Robin Lakoff) – penso que é isso que acontece. Seria absurdo opor desejo e poder. Desejo é poder; poder é desejo. O que está em pauta é qual tipo de política é perseguida quanto aos diferentes agenciamentos linguísticos que existem. Porque – e isso me parece essencial – o poder burocrático capitalista e socialista se infiltra e intervém hoje em todos os modos de semiotização individual, eles procedem mais através da subjugação semiótica do que da subjugação direta pela polícia ou pelo uso explícito da força física. O poder capitalista injeta um microfascismo em todas as atitudes dos indivíduos, em suas relações com a percepção, com o corpo, com as crianças, com os parceiros sexuais etc. Se uma luta pode ser conduzida contra o sistema capitalista, ela só pode ser feita, na minha opinião, através da combinação de uma luta – com objetivos visíveis, externos – contra o poder da burguesia, contra suas instituições e seus sistemas de exploração, com uma compreensão minuciosa de todas as infiltrações semióticas nas quais o capitalismo se baseia. Consequentemente, cada vez que se detecta uma área de luta contra a burocracia nas organizações contra políticas reformistas etc., deve-se também enxergar exatamente o quanto nós mesmos estamos contaminados e somos portadores desse microfascismo. Tudo está feito, tudo

organizado no que chamarei de *individação da enunciação*, para que se esteja impedido de assumir tal trabalho, para que um indivíduo esteja sempre enredado em si mesmo, em sua família, em sua sexualidade, para que tal trabalho de libertação se torne impossível. Assim, esse processo de fundir uma luta política revolucionária com a análise só é concebível na condição de que outro instrumento seja forjado. Em nossa terminologia (i.e., com Gilles Deleuze) esse instrumento é chamado de *agenciamento coletivo de enunciação*. Isso não significa que seja necessariamente um grupo: um agenciamento coletivo de enunciação pode colocar em jogo tanto pessoas quanto indivíduos, mas também máquinas, órgãos. Essa pode ser uma empreitada microscópica, como aquela de certos personagens que encontramos em romances (estou pensando no *Molloy* de Beckett); pode ser Meditação Transcendental ou um grupo de trabalho. Mas o agenciamento coletivo de enunciação não é uma solução pelo grupo; é simplesmente uma tentativa de criar oportunidades de conjunção entre diferentes componentes semióticos para que eles não possam ser sistematicamente quebrados, linearizados, separados.

Na conversa anterior, a pessoa que estava “discursando” veio até mim e disse: “Se falei por muito tempo, de uma vez só, foi porque me senti inibido, porque eu não podia falar.” Nós não funcionamos como um agenciamento coletivo de enunciação; não consegui relacionar minha própria inibição de ouvi-lo com sua inibição de falar. Sempre retorna a ideia de que se você abandona o discurso da razão, você recai na noite escura das paixões, do assassinato, e na dissolução de toda vida social. Mas acho que o discurso da razão é a patologia, o discurso mórbido por excelência. Olhe simplesmente para o que acontece no mundo, porque é o discurso da razão que está no poder em todo lugar.

Em seu agenciamento coletivo de enunciação, como se previne a reimposição da linearidade e da sintaxe?

Também seria absurdo querer suprimir a informação, as redundâncias, as sugestões, as imagens que todos os poderes constituídos querem suprimir. A questão, então, não é semiótica, ou linguística, ou psicanalítica – ela é política. Ela consiste em nos perguntarmos onde a ênfase está dada – nas políticas de redundância significativa ou nas múltiplas conexões de uma natureza inteiramente diferente.

Você tem que ser mais preciso. Você fala de semiótica, de informação, de agenciamentos coletivos de enunciação, i.e., de linguística, e então você desloca sua argumentação do sistema linguístico ou psicológico para o da política. Eu me perco aí.

Toda vez é a mesma coisa. Vamos pegar um exemplo concreto: ensinar a escrever na escola. A pergunta geralmente é feita por um método diferente, global. A sociedade sendo feita do jeito que é, mesmo em uma escola completamente libertária, dificilmente se pode imaginar que se recuse a ensinar uma criança como escrever ou como reconhecer sinais linguísticos de trânsito. O que importa é se esse aprendizado semiótico é utilizado para unir o Poder e a subjugação semiótica do indivíduo ou para fazer outra coisa. O que a escola faz não é transmitir informação, mas impor uma moldagem semiótica no corpo. E isso é político. Deve-se começar a moldar as pessoas

de modo que se garanta sua receptividade semiótica ao sistema se querem que elas aceitem as alienações do sistema burocrático capitalista-socialista. Do contrário, elas não seriam capazes de trabalhar em fábricas ou escritórios; elas teriam que ser mandadas para asilos, ou universidades.

Você rejeita completamente o sistema de conhecimento elaborado por Lacan através da linguística e da psicanálise?

Completamente. Acredito que Lacan descreveu o inconsciente em um sistema capitalista, no sistema burocrático-socialista. Isso constitui o próprio ideal da psicanálise.

Mas ele é válido como um sistema para descrever esse sistema?

Certamente. As sociedades de psicanálise (e é por isso que as pagamos generosamente) representam um ideal, um certo modelo que pode ter grande importância para os outros domínios de poder – na universidade e em outro lugar – porque elas representam um modo de certificar que o desejo está investido no significante e somente no significante, na mera escuta, mesmo a escuta silenciosa do analista. É o ideal da subjugação semiótica levada à sua expressão mais elevada.

De acordo com Nietzsche, se assume ou se supera as próprias fraquezas ao se ajustar a elas, ao refiná-las. Contudo, Nietzsche é um reacionário. É possível para alguém que é um radical propor mergulhar mais no discurso psicanalítico e no discurso industrial?

Em primeiro lugar, eu não sou nietzschiano. Segundo, eu não penso em superar minhas fraquezas. Terceiro, já estou por aqui com a psicanálise e a universidade, e não vejo o que eu poderia trazer para essa área. Ainda mais que acredito que nada possa ser mudado pela transmissão de informação entre interlocutor e ouvinte. Esse não é, então, nem mesmo um problema de esforço ideológico ou de esforço pela verdade, como se poderia ter compreendido aqui. É simplesmente isso: ou haverá outros tipos de agenciamento de enunciação no qual a pessoa será um pequeno elemento justaposto a outra coisa (começando por mim) ou não haverá nada. E pior que nada: o desenvolvimento do fascismo de maneira linear contínua está se desenrolando em muitos países, e aí está.

Recebido / Received: 30/10/2024
Aprovado / Approved: 02/05/2025